

RETROSPECTIVA

PROBLEMAS DE DESCRIÇÃO DA LÍNGUA FALADA *

Ataliba T. de CASTILHO (USP - Pesquisador bolsista do CNPq)

ABSTRACT: The aim of this paper is to provide a plan for the description of spoken Portuguese. I argue that grammatical features are linked to three discourse processes: construction, reconstruction and interruption. Examples drawn from spoken data (NURC Project) are examined in order to explain the proposal.

0. Preliminares

Alguns projetos coletivos de pesquisa implantados nos anos 70 tomaram a língua falada (LF) como seu objeto de análise. Mencionarei o Projeto NURC e Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro: Naro Org. 1986, Castilho 1990.

Após algumas análises pontualizadas (Castilho 1983, 1987a, 1987b, 1988), e levando em conta sugestões de Blanche-Benveniste 1987 e Marcuschi 1988, comecei a acreditar num programa de pesquisas em que se pudesse caminhar dos argumentos discursivos ou conversacionais para os argumentos propriamente gramaticais.

Admitindo que a língua se compõe dos sub-sistemas discursivo, semântico e sintático, propus como hipótese de trabalho que três processos discursivos constituem a LF: a construção, a reconstrução e a descontinuação.

A construção é o processo central de constituição da língua, seja falada, seja escrita (LE), por meio da qual organizamos as unidades discursivas e as sentenças, selecionando os materiais disponíveis na estrutura da língua, dando-lhes uma representação fonológica.

A construção não é um processo único e unilinear, pois com frequência retomamos o tópico conversacional para refazê-lo ou para descontinuar-lo, mediante a intromissão de outros tópicos e a omissão de

dados pragmaticamente considerados desnecessários. Essa constatação dá lugar aos dois outros processos discursivos, o da reconstrução e o da descontinuação.

A reconstrução é uma sorte de "anáfora discursiva", por meio da qual voltamos atrás, repetindo formas, ou repetindo conteúdos. A repetição, ou recorrência de segmentos, e a paráfrase, ou recorrência de conteúdos, são as duas faces da reconstrução.

A descontinuação é o processo de ruptura na elaboração do texto falado, de que resultam as hesitações, as pausas, as elipses e os anacolutos.

Examinarei brevemente esses processos, destacando alguns de seus correlatos gramaticais.

1. A língua falada como construção

A construção é um processo discursivo central, mas sua codificação gramatical não coincide integralmente na LF e na LE. Através desse processo, constituímos as unidades discursivas (e, portanto, o texto) e as sentenças em sua estruturação funcional e sintagmática.

Acredito que a teoria da Articulação Tema-Rema, desenvolvida pela Escola de Praga, tenha uma importância fundamental para inventariar os meios de construção da LF.

De acordo com essa teoria, "todo ato de comunicação bem sucedido consiste em duas realizações: (i) destacar um objeto de predicação, (ii) predicar sobre esse objeto": Ilari 1986: 36. Dito de outra maneira, "toda oração serve para realizar duas ações básicas e irreduzíveis, que descrevemos na linguagem de todos os dias mediante os predicados "falar de" e "dizer que": o primeiro desses predicados capta o papel de tópico, e o segundo o papel de foco (= Rema). Toda sentença envolveria, em suma, dois "atos de fala", cada um dos quais obedecendo a condições específicas" (ibidem: 42).

Ora, a assimilação de Tema e Rema a atos de fala permite estender a generalização dos lingüistas de Praga para além dos limites da

sentença, inspecionando-se sob essa ótica a constituição do próprio Texto, entendido como a manifestação da "competência comunicativa", de que Koch et alii 1992 vêm se ocupando.

1.1 - A construção do texto

Em trabalho anterior, sustentei que na descrição da LF é mais *produtivo chegar ao sistema sintático através do sistema discursivo-textual, num percurso que vai da identificação dos processos de constituição do texto para o da identificação das unidades textuais, e destas para o estudo das sentenças: Castilho 1987a.

Uma unidade discursiva, ou unidade textual, "é um segmento do texto caracterizado semanticamente por preservar a propriedade de coerência temática da unidade maior, atendo-se como arranjo temático secundário ao processamento de um subtema, e formalmente por se compor de um núcleo e de duas margens" (ibidem: 253). O núcleo da unidade discursiva é ocupado por segmentos anacolúuticos e por sentenças tematicamente centradas. A margem esquerda é ocupada por marcadores conversacionais orientados para o texto. A margem direita é ocupada por marcadores conversacionais orientados para o falante. As margens são constituintes facultativos, mas a impossibilidade de intercambiá-las evidencia que há uma "gramática" da unidade discursiva. Seja o seguinte exemplo:

| (1) Margem esquerda | Núcleo | Margem direita |
|---------------------|---|----------------|
| ah... | 1. isso evidentemente que influenciou | entende ? |
| | 2. ainda mais porque nós somos israelitas | entende ? |
| | 3. é um tipo de cultura muito diferente | sabe ? |
| | 4. são uns valores completamente diferentes | |
| | 5. é um negócio muito diferente | |
| | 6. só vivendo mesmo é que você vê | entende ? |

Em (1), pode-se postular que o marcador "ah..."(ou seus correlatos "bom...", "por exemplo", "eu acho / penso que", "seguinte:", "quer dizer", "primeiramente...", "depois", etc.) tematizam discursivamente a unidade, funcionando como um ponto de partida interacional. É como se, por meio deles, verbalizássemos nossa concordância em interagir, ao mesmo tempo em que organizamos nossa intervenção em diferentes partes. Estou definindo o Tema de acordo com Halliday 1967: 212 e 1985: 38-45, isto é, o Tema é "aquilo que vem primeiro", é "o ponto de partida da mensagem". Obviamente, o Tema tem um papel conversacional nas unidades discursivas, e um papel informacional nas sentenças. Já o Rema terá um papel invariavelmente informacional tanto no núcleo da unidade discursiva, quanto no núcleo sentencial.

1.2 - A construção da sentença

1.2.1 - A construção do Tema

Examinei a construção do Tema sentencial na entrevista D2 SP 333, publicada em Castilho-Preti Orgs. 1987: 239-242. Constatei que no início das sentenças predominam os sintagmas nominais (52%, 76% dos quais nucleados por pronomes), anáforas zero (24%), sintagmas preposicionados (11%), sintagmas adverbiais (6%) e verbos monoargumentais (7%). Esses constituintes assumem as funções sentenciais de Sujeito (74%), Adjunto Adverbial (17%), Verbos Apresentativos (7%) e Objetos Diretos (2%): Castilho, em andamento.

A LF documenta os seguintes processos gramaticais de construção do Tema: (i) sondagem psicopragmática do Tema, codificação do Tema como (ii) tópico sentencial, (iii) sujeito sentencial, (iv) verbo apresentacional. Passo a exemplificá-los.

(1) Sondagem psicopragmática do Tema.

Nos segmentos pouco planejados, encontram-se freqüentemente Determinantes de um N não verbalizado, como em

(2) agora o:

o::

eu não sei bem

porque que chamavam colonos (DID SP 18: 65)

Em exemplos como (2), o falante está determinando um N não verbalizado. Esse fato levaria a modificar o conceito de determinação tal como definido, por exemplo, em Lyons 1977:454-455:

"os determinantes são modificadores que se combinam com os nomes para produzir expressões cuja referência é determinada em termos de identidade do referente".

Seria necessário postular uma sorte de "determinação psicopragmática", aplicável a um tópico que se está buscando configurar, no quadro do "programa de estudos que vem sendo desenvolvido por Dascal 1984, 1987. Bacelar do Nascimento 1987: 78 e ss. dá outros exemplos de constituição "tentativa" do sintagma nominal.

(2) Codificação do Tema como tópico sentencial

Estudos sobre as construções de tópico no Português do Brasil tornaram-se muito frequentes, sobretudo após os trabalhos de Pontes 1987, que dispõe essa variedade entre as línguas tanto de tópico quanto de sujeito proeminente. Já a interpretação do tópico e do antitópico é matéria ainda a elaborar; Braga 1986 oferece uma série de explicações funcionais; Tarallo-Kato et alii 1990 preferem uma explicação formal: o tópico seria o sujeito não-temático da S, e o antitópico, um deslocamento à direita, muitas vezes interpretado como sujeito posposto.

Nos materiais do Projeto NURC, o Tema se manifesta frequentemente como uma construção de tópico, como em

(3) a casa da fazenda...

ela era... uma casa antiga...

tipo colonial brasileiro...

janelas largas... (DID SP 18: 8).

(3) Codificação do Tema como sujeito sentencial

O sujeito nas sentenças da LF pode ocorrer como um SN único,

ou como uma seqüência de SNs, constituindo-se o "efeito-lista", em que o falante hesita:

- (4) u::ma pessoa
 um diretor lá da Folha certa feita me chamou
 e me incumbiu de escrever [sobre televisão]
 (D2 SP 333: 4)

Tal como na LE, o sujeito na LF pode antepor-se ou pospor-se ao V. Numa indagação-piloto, Castilho et alii 1986 encontraram nos materiais do Projeto NURC/SP 30% de sujeitos elípticos, 42% de sujeitos pronominais e 28% de sujeitos nominais. Destes, 60% figuraram na ordem SV e 40% na ordem VS. Procurando os fatores condicionantes da ordem apurada, e restringindo a observação aos sujeitos nominais, constatou-se que a ordem SV é favorecida pelo SN (i) foneticamente "leve", isto é, que contenha até 7 sílabas, (ii) sintaticamente construído com Especificadores dispostos à esquerda do núcleo, (iii) semanticamente não-específicos e agentivos, (iv) informacionalmente já conhecidos e (v) textualmente já mencionados. A ordem VS é favorecida pelo SN (i) foneticamente "pesado", isto é, que contenha mais de 7 sílabas, (ii) sintaticamente construído por Complementadores [SA_{adj}, SP e relativas] dispostos à direita do núcleo, (iii) semanticamente específicos e não-agentivos, (iv) informacionalmente novos e (v) textualmente mencionados pela primeira vez.

(4) Codificação do Tema como Verbo Apresentacional

Verbos Apresentacionais do tipo "tem / existe / há" tematizam a sentença, concentrando-se a declaração propriamente dita no SN que se segue. Tal SN será, portanto o Rema da sentença:

- (5) Tinha uma criança lá.

1.1.2 - A construção do Rema

Parece haver alguns paralelismos entre a construção do Tema e do Rema. Quer dizer, assim como "tateamos" o Tema através do determinante, em (2), podemos "tatear" o Rema, buscando o predicador mais adequado à situação discursiva, compondo em seguida o sintagma respectivo.

Quanto ao Verbo (ou Rema propriamente dito), constata-se nos materiais do Projeto NURC a predominância dos biargumentais (68,4%), seguidos dos monoargumentais (24,5%), aqui incluídos os verbos apresentacionais, atributivos, equativos, e intransitivos) e dos triargumentais (7,1%).

A LF exibe os seguintes processos de construção do Rema: (i) escolha do V, operação correlacionada a certas necessidades discursivas, (ii) escolha da flexão do V e (iii) constituição do SV mediante a subcategorização dos argumentos internos.

(1) Escolha do Verbo

Um fenômeno que as sentenças contextualizadas de nossas transcrições permite ver claramente é o da gênese do Rema codificado por um SV. Vejamos o seguinte texto narrativo:

(6) eu estive na... em Cumaná... tinha uma praia... um litoral muito bonito que aliás é muito parecido com o nosso litoral norte... sabe ? mas eu não conheço o nosso litoral norte..e:... fiquei lá durante três meses e nesse tempo todo eu conheci bastante (inaudível) o povo de lá... que é bem diferente... e:... bem diferente de nós... (...) são por exemplo esses lá... é nessa praia que pertence à Universidade... como aqui na nossa Oceanografia também pertence à USP... e... toda a Universidade detesta ir pra...(...) e todo o curso foi feito ali... inclusive nós saímos assim durante... fazer compras de material e tudo e... ah: ... e conhecemos toda a região... sabe? (D2 SP 167: 7-30).

A seleção dos Vs. nesse texto correlaciona-se com as seguintes necessidades discursivas:

1) "Quem / o quê é X ?" Para responder a esse quesito, selecionam-se os Vs Apresentacionais, já referidos anteriormente como Temas sentenciais. Uma questão que não será aqui discutida é a do estatuto funcional do SN-Rema das sentenças assim formadas.

2) "Como é X ?" Para satisfazer a esse quesito, são selecionados os Vs Equativos de estrutura "N é N", como em "mãe é mãe", e os Vs Atributivos de estrutura "N é Adj", como em "o povo de lá é bem diferente", por meio dos quais o Tema é qualificado.

3) "O que X faz ?" Seleccionam-se os Vs biargumentais de ação do tipo "X faz Y", como em "nós fizemos o curso ali", que apresentam o Tema numa forma dinâmica.

4) "O que aconteceu a X ?" Seleccionam-se os Vs de Estado e do tipo "X está Y", como em "fiquei lá durante três meses" e os Vs. de Evento, do tipo "X sabe Y", como em "eu conheci bastante o povo de lá", que apresentam o Tema como um estado resultante de uma operação anterior, do tipo "X viu Y", portanto "X conhece Y".

5) "Como ficou X após ter feito Y ?" Seleccionam-se os Vs Transobjetivos, do tipo "X faz Y e Y está Z", como em "os pesquisadores encontraram o povo doente".

Os SVs assumem diversas estruturas, de que os cinco arranjos acima representam apenas uma generalização. De acordo com DuBois 1980: 227, os Remas aqui numerados como 1 e 2 integram o "modo descritivo", ao passo que 3 e 4 integram o "modo narrativo". Segundo esse mesmo Autor, cada vez que se introduzem novas personagens numa narrativa, volta-se ao esquema representado em 1 e 2. Desnecessário dizer que as narrativas não seqüenciam os Vs. na forma indicada, ordenando-os de diversas maneiras.

(2) Escolha da flexão verbal

A escolha do tempo do Verbo exemplifica igualmente que na LF o planejamento e a execução ocorrem simultaneamente, fato que abre caminho a interessantes hipóteses descritivas e heurísticas. Em (7) o "tateamento" é patente:

(7) a fazenda era
 tinha
 teria duas partes (DID SP 18: 30).

Em (7) o pretérito imperfeito de "tinha" foi substituído pelo futuro do pretérito, que é uma forma verbal recessiva, segundo constatou Bezerra 1978. Será necessário averiguar a correlação entre seleção das formas raras e processos de repetição, como no exemplo acima. Outra interessante investigação será apurar se a hesitação e a repetição na escolha do Tema pode figurar num mesmo enunciado ao lado de

2. A língua falada como reconstrução

Sendo a LF um "diálogo em presença", segue-se que diferentes iniciativas pragmáticas são tomadas para alimentar a interação, reconstruindo-a interminavelmente. Focalizo aqui dois recursos que correspondem ao processo discursivo da reconstrução: a repetição, que é a recorrência das formas gramaticais, e a paráfrase, que é a recorrência do conteúdo.

2.1 - A repetição

A repetição é a reiteração do mesmo item lexical. Esse processo dota a LF de uma sintaxe vertical, abundantemente discutida na literatura pertinente.

Neste item, procurarei dar um tratamento gramatical ao problema da repetição, hipotetizando que esse fenômeno tem regularidade na LF. Sejam os seguintes exemplos, transcritos segundo os critérios gramaticais postulados por Blanche-Benveniste et alii 1979. Marcarei com **M** a primeira ocorrência do item, e com **R** sua repetição:

- (9) **M** agora o::
R o:: eu não sei bem (DID SP 18: 65)
- (10) **M** é um
R1 um
R2 uma peça
R3 um
mas essa 0 tinha tanta molecada (DID SP 234: 125)
- (11) **M** no caso do::
R do::
bom... sei lá... entende ?
- (12) **M** o trabalhador recebe aquilo
R aquilo a que ele tem direito
(D2 SP 250: 89)
- (13) **M** aí você tira a gravata...
R tira isso (D2 SP 62::: 37)

- (14) porque o trem é assim... tem uma filha de uma... e nós duas aqui... nessa de duas... ele ficou lá perdido... né... porque ele tava de lá...
M minha tia gritando e ele não respondia...
 minha tia já imaginou o pior e eu não dava vontade gritar nada... fiquei pastel lá... minha tia em cima de mim...
 eu não podia nem levantar...
R minha tia gritava e ele não respondia...
 não fazia nada... e o desespero que a gente só olhava pros outro... todo mundo machucado... todo sujo de sangue
 (Ramos 1984: 16).
- (15) **L1** : tem outro tipo de diversão que ultimamente agora em Recife... aqui tá bom...
M é passear de metrô...
L2 - R1 passear de metrô ?
L1 - R2 passear de metrô eh: é delicio::so
 (Marcuschi 1992: 5).
- (16) **M** peixe
R1 peixe aqui no Rio Grande [do Sul]
R2 eu tenho impressão que se come peixe exclusivamente na Semana Santa.
- (17) **M** olha trem...
R1 eu sou fã de trem
R2 eu acho trem assim
R3 eu escolheria o trem
R4 no trem eu acho que há o repouso [integral]
R5 o trem não tem mobilidade
R6 o trem é mais estável
R7 o trem tem a vantagem sobre o avião

R8 eu vou tomar o trem
R9 uma viagem por trem para mim sempre repousou sempre foi repousante
 (D2 SP 255: 239-257)

- (18) quando eu ia ainda bem pequeno [à fazenda]
 M aí tinha café
 R1 bastante café (DID SP 18: 39)
- (19) M a gente não enxerga por bloqueio
 R e esse bloqueio tem de acabar
 (EF RJ 251: 67)
- (20) M só depende da temperatura
 R mas a temperatura muda
 (EF RJ 251: 176)
- (21) M bom... a história é...é... começa com um camponês
 apanhando pera
 R1 eu acho que é pera mesmo
 R2 pera é Úéverde
 R3 apanhando peras e...
 R4 então cai uma pera e...
 (Dutra 1990: 3)
- (22) M já mora muita gente aqui na Cidade Universitária ?
 R aqui na Cidade Universitária já mora
 [muita gente.
- (23) M funciona mal aquele negócio de
 R aquele negócio de limite de idade funciona
 [muito mal.
 (D2 SP 360: 980).

Em (9), (10) e (11) o falante hesita na construção do constituinte frasal, produzindo fragmentos sintáticos, "tateando" seja um SN, seja um SP. Casos de hesitação como estes não serão discutidos neste texto, tanto quanto os de recorrência de estruturas morfológicas, mencionados, em Tannen 1989 e Marcuschi 1992: 56. A recorrência estrutural é um fenômeno tão geral, que não vejo como integrá-la numa argumentação que busque identificar regularidades na repetição, necessariamente de itens lexicais integrantes da estrutura sintática.

Em (12) e (13) os segmentos repetidos estão contíguos ao segmento-matriz, ao passo que em (14) houve um distanciamento entre

esses segmentos. Conclui-se que há repetições contíguas e repetições distanciadas. Esses exemplos mostram também que há uma repetição idêntica, como nos dois primeiros casos, e uma repetição modificadora, como em (14), em que se alterou a flexão do verbo.

R1 em (16) e R1 em (17) atribuem uma categoria sintática a M ("peixe" e "trem", respectivamente), que passam de construções de tópico a objeto direto e a complemento nominal. Em (18) a operação foi inversa: o inacusativo "café" passa a antitópico, descategorizando-se sintaticamente. Temos aqui, portanto, repetições sintaticamente categorizadoras e repetições sintaticamente descategorizadoras. Por outro lado, em (19) e (20) os segmentos matriz e repetido já dispunham de uma categoria sintática, que foi alterada de oblíquo para sujeito. Direi que houve uma repetição recategorizadora.

Finalmente, em (22) e (23) repetiu-se a sentença toda, dando surgimento a uma construção em quiasmo.

Existe uma considerável literatura sobre a R na LF, a qual toma em consideração os sistemas discursivo, semântico e sintático, com particular concentração no sistema discursivo. A R no sistema discursivo tem sido debatida, entre nós, por Ramos 1984, Travaglia 1989, Koch 1990 e 1992, Dutra 1990 e Marcuschi 1992, que produziu o trabalho mais extenso sobre o fenômeno.

São mais escassos os trabalhos sobre a R no sistema sintático, e com isto muitas perguntas continuam sem resposta. O primeiro trabalho se deve, salvo erro, a Casteleiro 1975. Esse autor trata da "redundância sintática e expressividade", enumerando casos em que a repetição dá lugar ao quiasmo sintático, à iteração verbal exocêntrica, como em

(24) vendem camas de roupa, vendem lençóis, vendem colchas, tapetes, vendem tudo,

à iteração quantificadora e à topicalização do objeto verbal, como em

(25) precisávamos cá dum liceu, o liceu não temos cá.

Perini 1980 sustenta que as repetições ocorrem quando o falante

deseja reconstruir as estruturas fragmentadas da LF, para repor a estrutura canônica. Essa afirmação implica em que a apresentação canônica da S seja um fato crucial na LF, o que é um pouco difícil de comprovar-se, sobretudo se se tratar de diálogos simétricos, mais espontâneos, em que é expressiva a recorrência de fragmentos sintáticos.

Depois de Perini, Naro e Scherre (com. pessoal) notaram que as matrizes da repetição têm mais marcação morfológica de concordância do que as formas repetidas. Braga 1990 hipotizou que o estudo da R pode levar à identificação do "sotaque sintático" mencionado por Tarallo, Kato et alii 1990, visto que em seus materiais se pode constatar que

"embora todos os falantes repitam, alguns o fazem mais constantemente, especializando a repetição, e restringindo-a a funções e contextos particulares".

Creio que há lugar para um programa de pesquisas em que a R seja entendida como um processo gramatical constitutivo da LF. Minha hipótese maior é que R é um fenômeno regular, provido de classes e funções próprias, ocorrendo em lugares previsíveis. Se essa hipótese for comprovada, poder-se-á por meio do estudo da R inspecionar as estratégias de constituição da sentença na LF, revelando processos gramaticais que até aqui têm sido apenas catalogados, sem que se adiante uma explicação de caráter geral.

Este não é o lugar para desenvolver tal programa. Entretanto, a título de mera ilustração, creio que podem ser formuladas as seguintes hipóteses de trabalho, que elaborei mais em Castilho 1993:

(1) A R é um processo linguístico pelo qual o falante passa do sistema discursivo para o sistema sintático, atribuindo propriedades sintáticas a segmentos discursivos. A R categorizadora acima referida comprova esta hipótese. Nesse processo, uma construção de tópico assume um papel argumental na sentença repetida, como em (16) e em (17). A análise dos dados poderia mostrar se o percurso inverso também ocorre, como em (18), e tais observações contribuiriam para o debate atual sobre a centralidade da sintaxe (hipótese formalista) ou do discurso (hipótese funcionalista).

(2) A R privilegia determinadas classes sintáticas. Retomando a conhecida distinção entre "modus" e "dictum" sentencial, pode-se hipotetizar que o "modus" é menos suscetível de repetir-se que os constituintes do "dictum". Incluem-se no "modus" os advérbios sentenciais e os marcadores conversacionais. Se confirmada esta hipótese, teremos uma nova evidência sobre a hierarquia mais alta dos "hiperpredicadores": Kato-Castilho 1991.

(3) A R privilegia determinadas funções sintáticas, assegurando, ademais, uma movimentação previsível dos constituintes portadores dessas funções no interior da sentença. Temos, portanto, duas hipóteses auxiliares: (i) A margem direita da S favorece a R, e a margem esquerda a desfavorece. O fundamento desta hipótese é de caráter funcional: concentrando-se na margem direita da sentença sua maior densidade informativa, é de esperar-se que seus constituintes sejam repetidos, de forma a garantir a veiculação da informação. Isso implicará, igualmente, na predominância da R contígua, já comprovada empiricamente por Marcuschi 1992. Se se comprovar que a R é mais freqüente à direita da sentença, poder-se-á afirmar que ela é inversamente proporcional às rupturas da adjacência, descritas por Tarallo-Kato et alii 1990, esp. pág. 47. Esses autores comprovaram que há maior freqüência de rupturas no espaço entre Suj. e Flex, e menor freqüência no espaço entre o Verbo e C0 e C1. Não se pode deixar de reconhecer uma harmonia nessa proporcionalidade. (ii) A R heterocategorizadora decorre da recategorização dos constituintes em sua movimentação da sentença M para a sentença R. Parece que a R recategorizadora transcorre nos quadros da seguinte hierarquia: Argumento Interno [OD, OI, OBL] > Adjunto > Argumento Externo. De novo um fundamento funcional pode ser invocado para justificar essa hierarquia, caso os dados a comprovem: uma vez bem fixados no fluxo da consciência, os constituintes assumem progressivamente uma posição mais externa na sentença, deixando seu "núcleo duro", dado pelo verbo e pelos argumentos que ele subcategoriza, e caminhando para sua periferia. O exemplo (17) documenta essa hierarquia.

(4) Deve haver uma harmonia entre R de constituintes da estrutura funcional da sentença e R de constituintes do sintagma. Se esta hipótese for verdadeira, os constituintes à direita do núcleo sintagmático favorecem a repetição. Este exemplo de constituição do SN máximo (termo tomado de empréstimo a Lemle 1984 e Perini 1989) parece

(28) M então eu sai do:: ah

P pedi demissão do meu serviço (D2 SP 360: 1207).

Sobre a paráfrase no português falado, Hilgert 1989 consagrou um trabalho bastante extenso.

3. A língua falada como descontinuação

Na LF, locutor e interlocutor assumem a co-autoria do texto, que vai sendo gerado numa forma interacional, obrigando ambos a uma sorte de coprocessamento sintático. Esse fato já foi observado por Blanche-Benveniste 1986: 91. Uma das conseqüências, é que o texto da LF é rico em descontinuações, e o interlocutor deve a todo momento preencher vazios, se é verdade que, para ser descodificada, a linguagem tem de ter a apresentação canônica habitualmente postulada nas reflexões gramaticais.

Diversas conseqüências formais decorrem da descontinuação: (i) unidades discursivas de tópico não lexicalizado, (ii) elipses, (iii) falta da adjacência estrita e (iv) anacolutos. Em seu conjunto, esses fenômenos tornam fragmentária a sintaxe da LF.

3.1 - Unidades discursivas de tópico não lexicalizado

(29) L1 - mas como tá demorando hoje...hein?

L2 -só::... e quando chega... ainda vem todo sujo... fedorento...

L1 - isso sem falar no preço... que sobe todo mês... sem nenhuma vantagem prá gente...

Em (29), dois conhecidos conversam sobre o serviço de ônibus da cidade. Como estão no ponto de parada, não há necessidade de lexicalizar o tópico conversacional, já suprido pela situação. Transcrita e descontextualizada, diferentes sentidos podem ser atribuídos a essa unidade.

Outra situação muito peculiar é aquela em que a "categoria vazia", que ocorre na estrutura morfológica, sintagmática e funcional da sentença, figura também nas unidades discursivas. Nas interações bastante espontâneas, e mais fortemente vinculadas à situação, o núcleo

dessa unidade é vazio, e o interlocutor o preenche numa forma colaborativa:

- (30) é o tal negócio...sei lá... [0] entende ?
(DID RJ 18)

Em (30) a unidade discursiva se esgotou nos marcadores conversacionais, faltando a sentença ou as sentenças que desenvolveriam o tópico conversacional, gerando-se um segmento em que predominou a função interpessoal.

3.2 - Elipse de constituintes

As transcrições de nossas entrevistas mostram uma enorme quantidade de descontinuações sintáticas, tais como a omissão da preposição, do núcleo do SN, do sujeito e do objeto.

- (31) bom... a cozinha também 0 estilo moderno (DID SP 5: 97).
(32) nesses dias... a não ser 0 ir a Maquiné... realmente eu saía do hotel para o congresso (DID SP 11: 100).
(33) e então entram essas máquinas grandes que limpam a terra tiram essas...0 e 0 formam ei/leiras...leiras...são...é o seguinte... eles empurram 0 e vão empurrando toda esta... essas plantações que tem (DID SP 93: 89-94).

Em (31) e (32) há elipse das preposições "em" e "para", respectivamente, e em (33) se elidiu o núcleo do SN, o sujeito e o objeto direto.

Observando o Português nos quadros de uma comparação inter-sistêmica, alguns pesquisadores têm notado que essa língua se inclui entre as de parâmetro "pro drop", distinguindo-se de línguas que não "deixam cair" argumentos sentenciais. E mesmo comparando-se o Português do Brasil com o Português de Portugal, tem-se notado que a localização da categoria vazia não é a mesma nessas duas variedades: no Brasil preenche-se mais a posição do sujeito que a de objeto direto, enquanto que em Portugal a relação seria inversa.

Galves 1984, 1988 e Kato 1993 têm dado uma interpretação gerativista a esse fenômeno, enquanto que Tarallo 1986, Omena 1978 e Duarte 1989 a abordam de um ângulo variacionista. Segundo Tarallo, há um apagamento de 34.4% do sujeito, contra 81.8% do objeto direto e 59.2% do objeto indireto. Resultados muito semelhantes foram alcançados pelas outras autoras.

Num pequeno estudo sobre as condições de apagamento do Sujeito, mostrei que a agentividade do sujeito favorece sua elisão, enquanto que a não-agentividade favorece sua retenção, numa proporção de 63% para 37%, respectivamente: Castilho 1987b.

Também o verbo pode ser elidido, como se vê em

(34) Doc - agora () a terra como é que era preparada ?

0 manualmente
ou mecanicamente?

Loc - bom até o::

bom

0 manualmente sempre

quer dizer

0 com enxada

(DID SP 18: 71-76).

3.3 - Falta da adjacência

O problema da adjacência dos constituintes na sentença do PB foi inicialmente levantado por Kato 1987, a partir de sugestões contidas em Stowell 1981. Segundo esse autor, em línguas como o inglês não é possível inserir elementos discursivos ou adjuntos adverbiais entre elementos que atribuem caso e o termo que deles recebe caso. Kato supôs a possibilidade de rupturas nesses espaços sentenciais em português, o que motivou dois estudos: Tarallo-Kato et alii 1989 e Tarallo-Kato et alii 1990. O primeiro estudo mostrou que em apenas 10.2% das sentenças houve ruptura no espaço entre o argumento interno e o verbo, número que cresce quando se examina o espaço sujeito-verbo. No segundo estudo procurou-se verificar que elementos preenchem os espaços interfuncionais, constatando-se o seguinte: (i) Em 62.8% dos casos, a fronteira intersentencial não é preenchida por elementos lexicais de qualquer espécie. Esses autores optaram pela seguinte representação da estrutura sentencial na LF:

[...Top (...Suj...V+Flex...Co...Cl...) Antitop...].

(ii) Há mais preenchimentos antes do tópico e do sujeito [portanto na margem mais à esquerda da sentença] do que após o verbo. (iii) Os elementos discursivos [marcadores conversacionais] e os adjuntos são os principais preenchedores. (iv) Mulheres lexicalizam mais que os homens os espaços intersentenciais, o que permite falar num "sotaque sintático".

3.4 - Anacolutos

Blanche-Benveniste 1987 mostrou que com frequência o locutor vai deixando para trás elementos não sintaticizados, aos quais ela denominou bribes, ou "restos". Ela chega a duvidar que a sentença seja uma unidade gramatical na língua falada, e prefere utilizar o termo "configurações" para denominar seqüências de palavras sem articulação sintática clara.

Os materiais do Projeto NURC exemplificam esses segmentos anacolúuticos:

(35) olha... o preparativo para pôr as coisas dentro do carro
 – o H. é muito metódico...né... --
 então ele quer distribuir tudo uniformemente
 (D2 SP 167: 794).

(36) cada um já fica mais ou menos responsável por si pelo menos
 ... por si... fisicamente né ? de higiene
 de... trocar roupa...
 todo esse negócio
 (D2 SP 360: 531).

(37) partindo do princípio... digamos... que tanto eu como minha
 esposa temos curso superior... somos obrigados... digamos...
 a enfrentar os problemas... para solucionar os problemas
 profissionais... temos que atualizar... digamos... livros...
 então eu iria procurar comprar uma biblioteca
 (DID SP 5: 111-115).

Em (35) há todo um SN anacolúutico que fornece um quadro de

referência para as sentenças que se seguem. Em (36) temos dois SPs não governados pelo verbo anterior e uma expressão quantificada que "resume o que não precisa ser dito", e em (37) temos um SN nas mesmas condições. Em ambas as situações, o interlocutor processa tais fragmentos a partir de uma instrução pragmática do tipo "o locutor abandonou o restante a dizer e eu devo completar o enunciado a partir de dados contextuais".

Finalizando, gostaria de lembrar que uma das questões mais intrigantes entre os pesquisadores da LF é saber até que ponto as pesquisas em curso vão interferir nas teorias gramaticais disponíveis. Já sabemos que a LF se afasta em mais de um ponto das propriedades gramaticais que estamos habituados a reconhecer e a descrever na LE. Mas é claro que o encaminhamento da resposta vai depender da posição teórica adotada.

Aparentemente, uma teoria formal tenderia a apagar as chamadas especificidades do oral, pois o que ela busca são os princípios de uma Gramática Universal. Conseqüentemente, não há necessidade de um corpus, seja escrito, seja falado, e os dados trazidos à consideração são de natureza introspectiva.

Uma abordagem sociopragmática desloca o foco das questões do pólo gramatical para o pólo social, com toda a sua gama de questões mais etnográficas que lingüístico-estruturais: intenções do falante, fluxo da informação, sistemas de correção, monitoramento da fala, etc. Não seria igualmente correto cobrar desta inclinação científica uma resposta ao problema aqui levantado.

É provável que a Gramática Funcional possa oferecer respostas mais instigantes, mesmo reconhecendo que há neste momento uma "relativa incapacidade dos lingüistas em acreditar numa Lingüística que integra o oral", como argumenta Francard 1990: 10 - uma afirmação que, de resto, não corresponde ao quadro atual dos estudos lingüísticos no Brasil. Penso num Funcionalismo que vá dos jogos interacionais para a constituição das significações, e destas para a sintaxe, sem cair na ingenuidade de supor relações biunívocas entre os sentidos e as formas. Mas requer-se um Funcionalismo em que haja espaço para trazer debaixo do olho os achados formais, num movimento dialético que vá da interação para a significação, desta para as formas, e das formas de

volta para a significação. Este talvez fosse um bom programa de pesquisa, que poderia explorar temas como:

1) A gênese da predicação e da referenciação, interfaceando Sintaxe, Fonologia, Semântica e Psicopragmática.

2) A integração da sintaxe vertical na argumentação sintática. A chamada estrutura canônica da sentença sustenta-se na LF? O estudo da repetição na LF pode concorrer para a identificação de propriedades mais gerais da língua e de sua gramática?

3) O problema das unidades além da sentença: pode-se sustentar que as unidades discursivas reproduzem mecanismos sintático-sentenciais, ou será necessário configurar uma sorte de "macro-sintaxe" para dar conta desses recortes do enunciado?

Estas e outras questões vêm assaltando a curiosidade dos estudiosos da LF, parecendo patente que em algum momento a teoria da linguagem e a teoria da gramática serão afetadas pelas descobertas em curso.

(Recebido em 10/01/1994)

NOTAS

(*) O texto reproduz com alterações artigo a publicar na *Miscelânea de Estudos Dedicados ao Prof. Dr. Segismundo Spina*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

* A data de entrada corresponde à redação do documento, e por isso pode não coincidir com a de sua publicação.

BACELAR DO NASCIMENTO, M.F. (1987) *Contribuição para um Dicionário de Verbos do Português*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

BEZERRA, A.M.C. (1978) *A Forma Verbal em -ria no Português Culto de São Paulo*. Moji das Cruzes: UMC, Diss. de Mestrado.

- BLANCHE-BENVENISTE, C. et alii (1979) Des grilles pour le français parlé. *Recherches sur le français parlé* 2:163-205.
- _____ (1986) L'oralité. *Boletim de Filologia* 31: 87-95.
- _____ (1987) Place des analyses grammaticales dans le français parlé, mimeo.
- BRAGA, M.L. (1986) Construções de tópico do discurso, In NARO (Org. 1986), pp. 393-446.
- _____ (1990) A repetição na língua falada, Com. ao Seminário sobre Repetição. Belo Horizonte, ms. inédito.
- CASTELEIRO, J.M. (1975) Aspectos da sintaxe do Português Falado no interior do país. *Boletim de Filologia* 14 (1-4): 57-74.
- CASTILHO, A.T. (1983) Variedades Conversacionais. *Boletim da ABRALIN* 5: 40-53.
- _____ (1987a) *Para o estudo das unidades discursivas no Português falado*, In Castilho (Org. 1989). 249-280.
- _____ (1987b) A elipse no Português Culto Falado em São Paulo. *Estudos Linguísticos Anais do GEL* 14: 32-40.
- _____ (1988) Para uma gramática do português falado. *Revista Internacional de Língua Portuguesa* 1: 37-49, 1989.
- _____ (Org. 1989) *Português Culto Falado no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP.
- _____ (1990) O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil, In. Preti e H. Urbano (Orgs. 1990). 141-202.
- _____ (Org. 1990) *Gramática do Português Falado, vol. I*. Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP.
- _____ (1993) A repetição na língua falada. X Congresso Internacional da ALFAL, ms. inédito.
- _____ et alii (1986) A Ordem do Sujeito Nominal no Português Falado em São Paulo. Campinas, ms. inédito.
- CASTILHO, A.T. e D. PRETI, (Orgs. 1987) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPESP, vol. I.
- CHAFE, W. (Ed. 1980) *The Pear Stories*. Norwood, Ablex.
- DASCAL, M. (1984) Towards Psycho-Pragmatics, *Investigaciones Semióticas* 4: 145-159.
- _____ (1987) Language and reasoning: sorting out sociopragmatic and psychopragmatic factors. In J.C. BOUDREAUX, B.W. HAMIL and R. JERNIGAN (Eds.) *The Role of Language in Problem Solving* 2. Amsterdam, Elsevier. 183-196.

- DUARTE, M.E.C. (1989) Clíticos acusativos, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil, In F. TARALLO (Org. 1989), 19-34.
- DUBOIS, J. (1980) Beyond definiteness: the trace of identity in discourse, W. Chafe (Ed. 1980), 203-274.
- DUTRA, R. (1990) A repetição oracional como elemento de coesão nas narrativas orais. Com. ao Seminário sobre Repetição. Belo Horizonte, ms. inédito.
- FAVERO, L. e H. URBANO, (1989) Perguntas e Respostas na conversação à luz dos materiais NURC/SP, *Estudos Linguísticos* 20: 1991, 438-445.
- FRANCARD, M. (1990) Le français parlé des corpus oraux, Com. ao Colóquio Données Orales et Théorie Linguistique. Gand, maio de 1990, mimeo.
- FUCHS, c. (1982) *La Paraphrase*. Paris, PUF.
- GALVES, C. (1984). Pronomes e categorias vazias no Português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 7: 107-136.
- _____(1988) Objeto nulo e predicação: hipóteses para uma caracterização da sintaxe do Português do Brasil, *D.E.L.T.A.* 4 (2): 23-49.
- HALLIDAY, M.A.K. (1967) Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics* 2:37-81.
- _____(1985) *An Introduction to Functional Grammar*. London, Edward Arnold.
- HILGERT, J.G. (1989) A Paráfrase. Universidade de São Paulo, Tese de Doutorado, inédita.
- ILARI, R. (1986) *Perspectiva Funcional da Frase Portuguesa*. Campinas, Editora da UNICAMP; 2a.ed., 1992.
- _____(Org. 1992) *Gramática do Português Falado*, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP.
- KATO, M. (1987) A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em português. *Estudos Linguísticos* 15: 213-221.
- _____(1993) A gramática da sentença não canônica. Relatório ao CNPq, inédito.
- ____e CASTILHO, A.T. (1991) Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador? *D.E.L.T.A.* 7 (1): 409-424.
- KOCH, I.V. (1990) Reflexões sobre a repetição, Com. ao Seminário sobre Repetição. Belo Horizonte, ms.inédito.
- _____(1992) A repetição como mecanismo estruturador do texto

- falado. Campinas, Dep. de Linguística da UNICAMP, ms. inédito.
- _____ et alii (1992) Proposta Teórica do GT de Organização Textual-Interativa do Projeto de Gramática do Português Falado, ms. inédito.
- LYONS, J. (1977) *Semantics*. London, Longmans, 2 vols.
- LEMLE, M. (1984) *Análise Sintática*. São Paulo, Ática.
- MARCUSCHI, L. A. (1988) Análise da conversação e análise gramatical. *Boletim da ABRALIN* 10: 1991, 11-34.
- _____ (1992) A Repetição na Língua Falada. Formas e Funções. Tese para Concurso de Professor Titular. Recife, Universidade Federal de Pernambuco.
- NARO, A.J. (Org. 1986) *Projeto Subsídios Sociolingüísticos do Censo à Educação*. Relatório final à FINEP. Rio de Janeiro, UFRJ, 3 vols. mimeo.
- _____ e M. SCHERRE, (com. pessoal) A repetição, ms. inédito.
- OMENA, N. (1978) *Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: formas variantes na função acusativa*. Rio de Janeiro, PUCRJ, Diss. de Mestrado, inédita.
- PERINI, M. (1980) O papel da repetição no reconhecimento de sentenças, *Ensaio de Linguística* 3: 111-123.
- _____ (1989) *Sintaxe Portuguesa*. São Paulo, Ática.
- PONTES, E. (1987) *O Tópico no Português do Brasil*. Campinas, Pontes.
- PRETI, D. e H. URBANO, (Orgs. 1990) *A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo*, vol. IV. São Paulo, T.A. Queiroz/FAPEESP.
- RAMOS, J. (1984) Hipóteses para uma Taxonomia das Repetições do Estilo Falado. Belo Horizonte, UFMG, Diss. de Mestrado.
- TANNEN, D. (1989) *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge, CUP.
- TARALLO, F. (Org. 1989) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, Pontes.
- _____, M. KATO, et alii (1989) Rupturas na ordem de adjacência canônica no português falado. In A.T. de Castilho (Org. 1990). 29-62.
- _____, KATO, M. et alii (1990) Preenchedores em fronteiras de constituintes. In R. Ilari (Org. 1992), 315-356.
- TRAVAGLIA, L.C. (1989) Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação, *Letras & Letras* 5 (1-2): 5-61.